

A generosidade do Estado burguês para a força pública e a sua usura para os hospitais

Agora que tanto se fala na precária vida financeira dos hospitais, na urgência em auxiliá-los para que não sossobrem, para que as deficiências de que enfermam não se tornem irremediáveis, não será de todo mau flagelar a atitude criminosa do Estado perante esses estabelecimentos de utilidade pública.

A generosidade do Estado para com os hospitais é a mesma que se verifica para com todas as outras instituições, cuja função seja servir o povo. Quando para os serviços sanitários, de elementar higiene, a proposta orçamental para 1925-1926 destina apenas 696.308\$00, não nos admira que para os hospitais o mesmo Estado, orientado por idêntico critério estreito e criminoso, destine somente 16.000 contos (e não 16 contos como ontem por lapso publicitários). Compreende-se que 16.000 contos para essas instituições que lutam com a extrema carestia de géneros, de produtos farmacêuticos, de aparelhos cirúrgicos, etc., sejam realmente uma quantia irrisória, principalmente quando nos lembramos que a guarda republicana gasta, ou melhor, desperdiça mais de 78 mil contos e o exército para cima de 279 mil contos.

Se houvesse, por parte do Estado ou por parte dos políticos incompetentes que nos governam, um pouco de bom senso e de isenção, não nos encontraríamos perante este absurdo revoltante: enquanto a guarda republicana, bem alimentada, bem apetrechada, bem paga, absorve dos cofres públicos a esmagadora quantia de 78 mil contos, só para desempenhar-se da missão odiosa de espingardar o povo e as crianças, como o fez em Silves, os hospitais que têm uma missão altruísta a desempenhar, de fundamental interesse para a saúde do povo e para o revigoramento da raça, recebem quasi por esmola a miséria de 16 mil contos. Estamos convencidos de que estas pequenas verbas destinadas aos serviços de utilidade pública são votadas, mais para que não se diga que só o exército e a G. N. R. absorvem de uma maneira absoluta os dinheiros do povo, do que por os políticos entenderem que estas instituições

beneméritas as merecem, de direito.

O resultado deste critério tacaño é o que se está vendo, o que se está observando. Chega-se à vergonha de pedir o auxílio dos particulares, já tão sobrecarregados de impostos e de sacrifícios que as "forças vivas" lhes impõem para que salvem com o seu óbolo — afrontoso para a dignidade dos governantes culpados deste descalabro — os pobres hospitais que são em toda a parte do mundo civilizado considerados sagradas instituições por cujo bom funcionamento, acima de tudo, se deve velar.

Não contrariamos, como ontem frizámos em outro artigo, a iniciativa em marcha de auxílio aos hospitais. Não contrariamos porque, na situação alitativa em que eles se encontram, tal atitude além de antipática seria criminosa. Os hospitais precisam de dinheiro? Arrange-se esse dinheiro de qualquer maneira — ou por subscrição ou mendigando de porta em porta, da maneira mais subserviente, mas arrange-se esse dinheiro. A situação desesperada dessas instituições impõe neste momento ao povo o sacrifício mesmo da sua dignidade. Sim, porque ir mendigar dinheiro para os hospitais, que têm um mísero subsídio de 16 mil contos, num país em que um exército inútil de canhões sem culatra e de oficiais sem soldados absorve 279 mil contos — é uma indignidade que podemos arremessar à cara dos políticos ainda mais indignos que conduziram com a sua administração cavilosa o país, o povo à prática de actos degradantes. Tão degradantes como este: mendigar dinheiro para os hospitais.

Vamos lá, pois, estender a mão à caridade, enquanto os políticos continuam a malbaratar o dinheiro que nos roubam. Vamos lá, pois, cotizar-nos com o que pudermos para salvar os hospitais enquanto o exército heróico das revoluções na Rotunda absorve o que da pele nos arrancam. Vamos lá bater de porta em porta em busca de uma migalha que salve os doentes que não podem esperar pelo caldo, pelos medicamentos, enquanto nós perdemos o tempo a dizer verdades.

Uma resposta condigna do povo de Santarém às insolentes provocações da União dos Interesses Económicos

SANTARÉM, 22. — Uma comissão de comerciantes, composta pelos adeptos da U. I. E. Helio Guimarães, Ary Belchior, António Paula, Valentim Godinho e Carlos Marques, promoveu uma sessão de propaganda em que deveriam usar da palavra Pereira da Rosa, Luís Gama e o célebre Carlos de Oliveira.

Os dois primeiros não vieram. Só apareceu, arrogante, provocador, o odioso Carlos de Oliveira, incarnação repulsa da U. I. E.

Cerca das 21 horas, hora marcada para começo da sessão, encontrava-se a praça Sá da Bandeira, frente à Associação Comercial, repleta de gente. Chegaram os "forças vivas" e a multidão logo a seguir invadiu a Associação Comercial, ficando apinhada nas salas das sessões e do bilhar e corredores. Cá fora, sob as janelas, muita gente que não tinha lugar.

Helio Guimarães fez a apresentação, tremulo e nevrótico, pouco senhor do papel que representava. E' dada a palavra a Carlos de Oliveira. Sob o estrado e logo a seguir irrompe da assistência uma forte e bastante prolongada pateada, a par com as palmas duma minúscula dezena de comerciantes que rodeavam a mesa e um outro que isolado correspondia. A custo o Carlos de Oliveira consegue pronunciar algumas palavras que logo eram entrecortadas com apêres e protestos ruidosos. Com a eloquência dum vendedor de elixires, expende uma arenga personalista exaltando-se a si próprio, chegando à afirmativa de que o povo, se melhor compreendesse a obra já útil da U. I. E., curvar-se-ia reverente à passagem da Junta Central daquele organismo "que se propõe salvar o país dos magnates da política, com a sua acção de política nacional". Incide num ataque ao Estado, tocando a estabilidade da "estrada", só para salientar, "em voz cândida", que o seu automóvel, "o seu ganha-pão, a sua enxada", que ele estima tanto como o operário a sua ferramenta; sim o seu automóvel, diz ele em tom comovedor, "ficou refilado num barrico onde cabia a assistência, e ele, magro, seco, esgotado pelo trabalho árduo, ficou com o coração abalado, os rins magoados e o fígado dilacerado". Continua a verborreia e mudando de timbre quer arrebatá-la, grita, vociferando frases desconexas, vãs de sentido, declarando-se "o português que os políticos temem por ser honrado e sério". Fala duma vida de trabalho honesto, com que enriqueceu. Já teve calos nas mãos criados pela vassoura quando marçano e por isso sabe o que é trabalhar, por isso é um grande amigo dos muitos operários que por sua conta trabalham.

Nesta altura os protestos redobram de intensidade, há apêres veementes, aos quais o sr. Oliveira responde com uma petulante audácia que acirra cada vez mais os animos já exaltados.

Fala em meneurs da classe operária, dizendo muito estimar os operários honestos, considerando-os seus colaboradores, com quem quer confraternizar, etc. — Grande sussurro, protestos, havendo quem peça a contradita. Audaciosamente, afirma-se valente, nunca temeu nem teme a morte. Grita-se: Cobarde fugiste para Espanha, e nem foste só, levaste uma polícia a acompanhar-te!

Ele responde: Fugi para não ser assassinado na prisão!

Prosegue com dificuldade, e para afrouxar os protestos, recorre ao fraseado do sentimentalismo, mudando o disco para a ária da instrução.

— Eu prometo e cumprirei; darei ao povo as escolas suficientes para se educar. Estas verdades nenhum político ainda as disse. Além da política faremos uma obra nacional, de economia e defesa dos nossos interesses, que são os interesses do Estado e queremos também que o Estado não seja o nosso ladrão.

— Temos pago centenas de contos de impostos só para a voragem.

Borburinho, e ouve-se: Abaixo os exploradores do povo!

— Não senhor, diz o orador na U. I. E., não há exploradores. Se os há na nossa classe eles não terão guarida cá, enquanto eu cá estiver.

Risos.

— Os exploradores, continua, estão com os partidos políticos, e nós não nos vendemos, neste país de cafres.

Fala agora da guerra e dos políticos. Vem à baila os fornecimentos de serradura por conserva. Ele, expeditor de sardinha, é, grande industrial, sério, como toda a gente sabe, nunca fez dessas falcatruas. Aprecia ao de leve um manifesto em que se definia o que é U. I. E., transcrito de A Batalha, limitando-se a dizer: cá e lá más fadas há!

ACTUALIDADES NO ESTRANGEIRO

EM INGLATERRA

Preezas fascistas

LONDRES, 19. — Encorajados pela impunidade, defendidos abertamente ou secretamente pela polícia, os fascistas ingleses multiplicam os seus actos de brutalidade, que são idênticos aos dos fascistas italianos.

Os fascistas ingleses andam armados, como se prova pelo caso que se deu há dias no "faubourg" de Islington, em Londres.

Um caminhão pertencente ao "Daily Herald" que transportava para a gare de Euston uma grande quantidade de pacotes de jornais que se destinavam à província, foi atacado em pleno caminho de Londres.

Quatro fascistas armados com revólveres mandaram parar o caminhão, obrigaram o "chauffeur" a descer e depois puzeram-se em fuga com o carro.

Falhos de experiencia, os bandidos atiraram com o caminhão de encontro à grade da igreja de S. Clement, junto ao Palácio da Justiça, tendo-se em seguida posto em fuga abandonando o veículo e os jornais.

NA DINAMARCA

A abolição do serviço militar obrigatório

O governo dinamarquês esta semana defendeu no Parlamento um projecto de lei sobre o desarmamento.

Esse projecto prevê, principalmente, a destruição de todas as fortalezas. As oficinas de guerra serão transformadas em empresas ordinárias do Estado e não servirão somente à futura marinha mercante, mas também às outras necessidades do Estado.

Haverá um corpo de guarda que ficará às ordens duma direcção central. Esse organismo compreenderá três corpos centrais e dois corpos de distrito, um dos quais ficará ao oriente e o outro ao occidente. Esse corpo de guarda destinara-se exclusivamente à fiscalização alfandegária.

O serviço militar obrigatório será abolido.

EM FRANÇA

A Conferência Nacional Comunista

A conferência nacional do partido comunista francês, que já por duas vezes tinha sido fracassada, efectuou-se por fim no domingo passado no burgo de Sury, situado nos arredores de Paris.

Os comunistas franceses ligaram uma grande importância a esta conferência, realizada após as assembleias imperialistas de Genebra e de Locarno e a seguir aos congressos socialista e radical.

Tratava-se de dar uma nova orientação tanto à política interna como externa do partido e de discutir as teses que serão apresentadas no próximo congresso nacional que se realiza no próximo mês de Janeiro.

Semard, no seu relatório chamou a atenção do partido para as duas nações coligadas para a destruição da República dos Soviéticos: A Inglaterra e os Estados Unidos. Lembra, no entanto, a rivalidade existente entre elas sobre a supremacia do Pacífico, os antagonismos francês, inglês e italiano no Mediterrâneo e afirma que dessas rivalidades nascerá uma nova guerra mundial.

Defende as reivindicações operárias contra as ilusões reformistas, lembrando a atitude dos socialistas, no Ruhr, no pacto de garantia, na guerra de Marrocos e na repressão contra a classe operária.

O presidente da conferência anunciou à assembleia que os representantes da direita do partido não acederam ao convite da direcção para vir discutir as teses apresentadas.

Vários oradores insurgem-se contra a atitude da feição direitista cujas teses se aproximam mais das teorias dos sociais democratas do que das do comunismo e após larga discussão é enviada para a mesa uma moção contra o "trabalho divisionista dos elementos de desagregação da direita", que será examinada pela comissão política.

Uma arbitrariedade!

O nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa encontrava-se em Aldealega, onde foi como delegado da C. G. T. devido a existir naquela vila ribatejana uma greve de operários chacinheiros. O gesto das grevistas é digno da simpatia de todos nós e impõe-se, como o valor indiscutível dum exemplo a todos os trabalhadores sobre quem impende a ameaça da baixa dos salários.

Pois ontem, o nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa quando saía da casa onde se encontrava hospedado foi arbitrariamente detido pelo sargento da força da G. N. R. daquela vila. A sua prisão obedeceu à suposição de que a prisão daquele militante operário ia influir nas grevistas, fazendo-as desanimar e entregar-se vencidas à exploração desses miseráveis industriais exploradores de mulheres. Erro profundo. Esta prisão injustíssima não conseguirá esmorecer as grevistas.

Para Aldealega seguiu ainda ontem outro delegado da C. G. T.

Refere-se aos soldados que foram para a guerra e ao movimento de 18 de Abril, depois de ser energeticamente increpado. Estabelece-se grande confusão, gritaria: «Fora! Fora! Abaixo os exploradores do povo!»

A sessão termina para existir um imminente conflito, e a polícia consegue opor-se a que Carlos de Oliveira fosse apupado lá dentro. A multidão sai e retém-se novamente na praça fronteiria, onde se mantém a protestar e a vaia-los da U. I. E. Dali a pouco sai o sr. Carlos de Oliveira e a polícia teve que formar um cordão para que ele não fosse zurrado. Muitos dos manifestantes correm pela rua Capelo, Ivens e vão juntar-se à entrada do Hotel Central, onde fizeram uma verdadeira montaria, variando e incrementando a U. I. E. Ainda houve um hoteleiro que se pôs a dizer: cá e lá más fadas há!

A FESTA DOS MERCADOS

iniciou-se ontem com um porco alegórico e uns nabos entronizando a bandeira da pátria dos exploradores

Anunciou-se com grande estrépito, à laia de sensacional acontecimento, que o cortejo de ontem anunciador da Festa dos Mercados, havia de ficar como uma maravilha que jamais deixaria de nos deslumbrar o espírito e de viver na nossa memória. Estralejaram nos jornais cúmplices da festarola, os foguetes do mais incendiado entusiasmo e o Zé povo — o Zé povo, bonacheirão e mole, da classe média, arejou a família e atirou com ela, a arrastar as pernas, para a Praça Duque de Saldanha e para a Avenida da Liberdade, à espera de abrir os olhos de espanto e saltar da garganta uns ós de admiração, quando passasse, em cortejo, a cambada atrevida dos que nos roubam. E alguns milhares de pessoas, com beneditina paciência — beneditina é benevolência nossa — esperavam-se na rua esperando que aparecessem, com mirabolantes carros alegóricos, os maraus bravos que nos mercados nos impingem hortaliça velha, peixe podre, fruta deteriorada, de envolta com os insultos mais grosseiros naturais duma insolência dos que entendem que nós mourejam para os seus pes de meia e os seus cordões de ouro — a exploração da nossa pele feita adorno dum pescoço sujo.

E o cortejo surdiu e, com ele, a conclusão de que a tropa fadanga dos mercados parece nascidinha de propósito para nos apouquentar. Já os produtos maus e caros — nos revoltava. Já a grossaria nativa daqueles matulões — nos chocava. Faltava só ofenderem-nos o nosso culto pela estética, o nosso anseio de beleza.

Dai aquele pagode cafre de ontem, com dois bandos de músicos soprando nos fagotes: os simpáticos e tostados menores da Escola Agrícola de Paia e os bombeiros, dignos do nosso respeito mesmo quando arvorados em filarmónica.

E os carros alegóricos? Vimos um — que era um porco, um porco colossal, rosado e nédio como um deputado da maioria, irrepreensivelmente aceado, metido numa espécie de gaiola de canário. Seria o porco que tornava o carro alegórico o porco? Que pena que ele não fosse uma porca. Se assim fosse que bela alegoria para a Festa dos Mercados! Em todo o caso o único pormenor digno de admiração foi o porco. Teve todas as atenções, todos os olhares, todos os sarcasmos. Houve até quem cometesse a ofensa de o comparar a um muito conhecido meneur da União dos Interesses Económicos. Ofensa para o porco, já se vê...

Pondo de banda o porco — o resto foi uma porcaria. Um carro vinha decorado de nabos, dando-nos a ideia futurística dum nabal com rodas — sem double sens... Em cima daqueles nabos, daqueles enormes nabos, a bandeira da querida pátria, da querida pátria deles... Depois dos nabos — as mulheres, oito mulheres, supômos, empregadas na Manutenção Militar, que um jornal da noite dizia envergarem os trajes regionais representativos das oito províncias que compõem esta europeia roça. Há trajes regionais e há paródias carnavalescas desses trajes. O que nós vimos não foi indumentária regionalista, mas uns trajes de entruído, inspidos e feios como o próprio entruído. Ao alto do carro com uma coisa de papelão e papel prateado — a coisa seria uma espada? — empunhada por uma rapariga bonita com trajes patucos e um diadema de lata com cacos de garrafa nos seus cabelos loiro fulvo. A rapariga escondia o rosto na bandeira bicolor, muito comprometida com aquela paródia a que uma ordem de serviço, — crêmos que da Manutenção Militar — a força.

Havia ainda um carro com alguns quilos de manteiga e meia dúzia de queijos dum estabelecimento aqui do Loreto que falsifica manteiga e queijo, sem nenhum respeito pela nossa saúde.

Foi isto, o "grande" cortejo anunciador da Festa dos Mercados. E com ele se inicia essa festarola que o povo dos consumidores devia correr à batata — se eles não tivessem, pela sua ganância, tornado imprescindíveis as batatas nas casas e nos estômagos de todos nós...

Os reaccionários estão tentando fanatizar os trabalhadores

Não pode restar dúvida alguma de que o jesuitismo, por intermédio dos seus vários agentes, é quem actualmente predomina em quasi todos os Estados da Europa e das Américas. Os factos estão à vista de toda a gente; e, para não nos alongarmos em demasia, reportemo-nos só a este país, o qual não escapou à regra.

A Companhia de Jesus, que antes da guerra europeia se encontrava um pouco abalada, aproveitou o grande cataclismo para se refazer de novo, não tendo perdido sequer um momento para reconquistar o terreno perdido, procurando ainda arranjar novos filios.

O jesuíta é, por temperamento, astucioso, audaz e sobretudo persistente, e nisso é que reside a sua principal supremacia sobre os elementos que o combatem. A sua bolsa é inexgotável, ou ele não jogasse sempre pela certa — dispendendo 5 para reembolsar 50. Neste país de madaços e infames especuladores fácil foi à célebre Internacional Negra encontrar grande número de agentes também sedentos de ouro amassado em sangue dos trabalhadores.

A tática de tão sinistra organização é bastante conhecida a pesar de ser premeditada na sombra. O jesuíta não perde o mais pequenino acontecimento onde possa tirar algum proveito e infiltrar o seu virus. Em Portugal, após a proclamação desta coisa a que dão o nome de República, muita coisa supôs que essa raça daninha havia desaparecido por completo. Puro engano!

Um dos primeiros planos a pôr em execução foi realizar o monopólio da opinião pública e para isso adquiriram a imprensa e distribuíram chorudos lugares a alguns escritores.

Todos os jornais de maior importância, especialmente de Lisboa, estão em poder dos ultramontanos, embora uns se digam independentes, outros republicanos, etc. Ao todo existem na capital 15 diários. Pois só 3 é que fazem guerra à reacção, estando os restantes distribuídos vários papéis que desempenham com certa perícia. Assim, temos: O Eco, Diário de Notícias e Jornal do Comércio e das Colónias, defendendo o comércio ladravaz e envenenador e a finança; O Dia, Correio da Manhã e A Epoca, idem e a causa monárquica; as Notícias só faz o jogo do Santo Padre; o Diário de Lisboa, Diário da Tarde, Capital e Tarde, actnam, conforme as circunstâncias, sendo o primeiro inspirado pela casa bancária Pinto & Sotomaior.

Resta-nos apenas A Batalha, que é nossa e muito nossa. O Mundo, que defende a facção esquerdista do Partido Democrático e A Voz Pública, que parece também estar de acordo com a mesma facção. Ia-nos esquecendo O Debate, que mal se nota, mas basta saber-se que é oração dum dos

mais ferozes inimigos das classes operárias organizadas — António Maria da Silva — para se conhecer o seu estôfo.

Isto é importante e ao mesmo tempo grave. A capital dum país, com fama de liberal, com a imprensa quasi toda nas mãos da reacção é um caso bastante sintomático. Onde estão os chamados republicanos liberais dos velhos tempos da propaganda, que não vêm a forma descarada como o jesuitismo pretende julgar definitivamente o ideal por que bastante sofreram?

E' sabido que uma boa parte dos antigos idealistas têm desaparecido e a outra espera a morte tranqüila não estando disposta a ser envolvida na lama em que se têm atolado os videirinhos de velha e fresca data. Porém, há ainda a falange dos humildes que exasperam o seu corpo às baías da guarda municipal e da polícia. Porque se conservam estes também indiferentes à marcha atribulada desta suposta democracia? Porque o jesuitismo determinou que se dividissem em pequenos grupos, e aí os temos guerreando-se uns aos outros procurando cada um fazer, à viva força, prevalecer os seus pontos de vista, esquecendo-se do verdadeiro inimigo.

Havia porventura necessidade de existir o falido Partido Socialista, o insignificante P. Comunista, o minúsculo P. Radical, os dissidentes do P. Democrático, os Liberais, os Searenses, os accionistas e os partidários da I. S. V.? Julgamos que não, mas à reacção assim lhe convem.

Esta época de eleições é magnífica para o operariado aprender boas e uteis coisas. Em que conta podem ser tidos os socialistas, que dizem defender a emancipação do operariado, ligando-se aos democráticos que mais têm hostilizado os trabalhadores, só para que sejam eleitos, dois deputados? Podem, porventura, ser considerados amigos e defensores do povo os que se dizem liberais, esquerdistas, radicais, etc. se eles se não entendem para uma acção comum contra a reacção que nos domina cada vez mais ferozmente?

Vai, em breves dias, realizar-se mais uma vez a mistificação eleitoral. O seu resultado está visto. Vamos ter um parlamento pior do que o que termina agora o seu mandato.

Os futuros deputados ainda não estão eleitos, mas já estão impondo a sua vontade. Desde já exigem a demissão do presidente da República, por se ter afirmado liberal e respeitador da Constituição votada pelos mais sinceros republicanos.

O clarim-mór da Parreirinha foi o primeiro a dar o sinal e todos os outros fizeram córo, ou não se propuzessem a deputados dois dos seus inquisidores da polícia. A sua esfera de acção já é pequena dentro do

NOTAS & COMENTÁRIOS

Ecos do Congresso Confederal

O diário sueco Arbeteren, órgão da poderosa Central dos Sindicatos anarco-sindicalista da Suécia, publicou em um dos seus últimos números uma entrevista com o nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa acerca do Congresso Confederal. A referida entrevista foi escrita e assinada pelo camarada Armando Borghi que a fez publicar depois naquele importante diário do norte da Europa.

Um cruelidade

A odisséia daqueles dois manipuladores de pão que há cerca de 6 meses foram iniquamente arremessados para a esquadra de Santa Marta ainda não terminou. Depois dos reparos que a imprensa e o Parlamento fizeram às agressões de que foram vítimas tudo emudeceu. Nem uma única palavra, nem um único reparo. E os dois desgraçados permanecem eternamente no mesmo lugar de suplício, no mesmo antro de sofrimento.

Ultimamente esse sofrimento aumentou. José Abrantes Castanheira — uma das vítimas — adoeceu. Pediu, como era humano, um médico. Recusaram-lho. Se quizesse médico pagasse a consulta — 40\$00 — afirmou o cabo 98 que desempenha ali as funções de chefe interino.

Mais: os parentes dos presos não podem visitá-los. Foi-lhe proibido pelo cabo!

Quando terminará o regime de crueldade a que estão sujeitos estes presos?

Outra guerra?

Mais um conflito armado entre dois povos — o grego e o búlgaro. Principiou por um ligeiro incidente na fronteira grego-búlgara. Um soldado grego matou uma sentinela búlgara. Seguiu-se depois tiroteio entre gregos e búlgaros, que se generalizou num combate cerrado. Os gregos avançaram no território búlgaro, com artilharia, tendo ocupado a cidade de Petrich. Agora ameaçam avançar sobre Sofia, a capital da Bulgária. Anda ao que parece, sob esta máscara de incidente, qualquer ambição capitalista — aquela ambição capitalista que em 1914 acendeu a fogueira fratricida no centro da Europa.

Bem o percebemos...

O professor Martinho Nobre de Melo é sindicalista, sindicalista das direitas — o que não quer dizer sindicalista das direitas... Bebeu em Jager Valois as suas doutrinas que, entretanto, digamos de passagem, são muito mais interessantes, a despeito dos seus absurdos, do que as vagas doutrinas de certos democratas que julgam poder reconstituir a velha sociedade com o sopro das palavras. Fiel às doutrinas puras do sindicalismo integralista, que são anti-parlamentares, anti-eleitorais,

como as nossas, aplaudiu o nosso abstencionismo eleitoral. Agradecemos o aplauso, não por concordância com o seu sindicalismo abstencionista que, em vez de se levantar por um objectivo de máxima liberdade, se devia por um caminho de opressão, de consolidação da rígida autoridade, de conciliação de classes irreconciliáveis e de supremacia do patronato.

Bem o percebemos — muito obrigado.

O sr. general

Aderindo ao partido radical o general sr. Gomes da Costa, que há alguns anos vem defendendo na imprensa uma ditadura de ferro que anule todas as regalias e liberdades e tão carinhosamente defendeu os conservadores absolvidos na Sala do Risco. Temos radical o sr. Gomes da Costa. Radical — porque? Que factos teriam determinado um tão brusco reviramento de opinião no cérebro guerreiro do sr. general Bonaparte da Costa?

Ele o diz: ter sido o partido radical o único que lhe ofereceu uma candidatura. São assim as convicções do sr. Gomes da Costa e do partido radical. Uma candidatura prevalece sobre uma consciência. As convicções são substituídas por um leilão. E quem dá mais adquire o convicção. Quem deu mais foi o partido radical, numa hora amarga em que o sr. Gomes da Costa confessou que «só me convidavam para fretes que não davam vitória».

Os cinco da polícia

Cinco indivíduos que não conhecemos mas que presumimos serem moradores na freguesia dos Anjos mostram-se, numa circular impressa que nos enviaram, muito contentes com a falta de comodidades da polícia da 9.ª esquadra e pedem-nos um donativo para a aquisição de enxérgas e mantas. E' claro que o nosso amor pela vida humana não vai obrigar os polícias porque os fracos recursos que possuímos têm ido para as famílias das vítimas assassinadas pelos "filantropos" de sabre à cinta.

Oxalá que um tiro ou uma sabrada, dados a tempo e em cheio nalgum dos assassinos da circular, não venha a dar-lhes um arrependimento semelhante aos dos animais que numa das fábulas de La Fontaine pediam um rei...

E' que a polícia quando espanca ou mata não distingue, não enxerga — quem lhe deu uma enxérga.

O descarrilamento de Figueirinha

Segundo comunicação telegráfica que recebemos de Beja, o comício que devia realizar-se naquela cidade ontem, ficou adiado para o dia, que oportunamente será anunciado.

Governo Civil. Os conspiradores do 18 de Abril, os democráticos e os monárquicos serão os únicos que ficarão com a fábrica das leis nas mãos. Os resultados estão à vista. A repressão sobre as classes operárias será mais violenta e enérgica.

Nessa altura dirão os chamados liberais: «A culpa pertence ao operariado que não quis votar.» Conviém aqui dizer que o Mundo já afirmou que os abstencionistas não têm que se queixar do futuro parlamento se ele for constituído só por reaccionários.

Ora é preciso ser-se muito ingénuo para se acreditar que mesmo que todo o operariado votasse, o parlamento modificaria a sua feição opressiva e reaccionária, porque teria lá uma maioria de liberais.

«Não se viu recentemente o que sucedeu na Inglaterra e na França? Quais foram os resultados que obtiveram as classes operárias? Os trabalhadores ingleses e os radicais franceses só permaneceram no poder enquanto os conservadores lhes convieram. Depois de terem realizado a obra que a reacção convinha, mas que ela não quis fazer, foram corridos, sendo agora maior a perseguição e a guerra aos trabalhadores.

Portugal foi sempre um grande importador dos figurinos estrangeiros e agora quer trazer de França o mais moderno — o *carrel*. Para quê? Da forma como está montada a máquina eleitoral, quem é capaz de vencer o Partido Democrático e os seus aliados reaccionários?

Se em Portugal efectivamente há verdadeiros republicanos, sinceros liberais e desinteressados amigos do povo, não é o Parlamento que eles devem confiar mas sim numa outra acção mais arriscada mas mais eficaz, de contrário teremos que viver eternamente neste pandemónio asfáltico e quase impossível de suportar.

A classe operária está farta de ser ludibriada e por isso já não se deixa embalar com as cantigas dos seus presumidos amigos.

Porém, quando tem sido preciso o seu concurso para a defesa das liberdades conquistadas, ela imediatamente comparece no seu posto e continuará mantendo o mesmo critério, julgamos nós, até que os factos lhe demonstrem que o seu modo de ver é errado.

Dizemos acima que aos trabalhadores vai ser atribuída a culpa da constituição dum Parlamento relictamente reaccionário. Essa acusação é infundada, tanto mais quanto é certo que a massa de eleitores não é só constituída pelos burgueses, pois infelizmente ainda há muitos operários que estão convencidos de que a sua emancipação se operará por meio das urnas. Além disso julgamos que embora a maioria esmagadora da população não vote, ela tem sempre o direito de protestar contra qualquer acto parlamentar que a prejudique ou ofenda. O que não será assim?

Por tal motivo a classe operária deve preparar-se convenientemente para resistir às arremetidas dos novos-velhos agentes da Internacional Negra que lá para Dezembro se instalarão no antigo convento de São Bento onde viveram e medraram seus antepassados.

E' preciso que os trabalhadores se concentrem na sua força, não se deixando suggestionar por aqueles que se dizem seus únicos e leais defensores procurando conduzi-los para as suas igrejinhas. Unidos, teremos força; e a união deve ser feita dentro do nosso organismo central. Se alguém que diz não ser suficiente só a organização operária para enfrentar a reacção que nos pretende amoldar definitivamente, esse alguém que luta conforme entender, mas não procure desunir a massa trabalhadora, servindo-se de processos pouco honestos.

Para finalizar o nosso dizer que se não houvessem aparecido os chamados scionistas, talvez os reaccionários não tivessem coragem para impor aos seus mandatários aquilo que há muito tempo era sua intenção — as deportações, os assassinatos e as prisões de dezenas de operários. Estaremos em erro pensando desta maneira? Talvez, mas o que é certo é que temos ouvido esta opinião a muitos operários que vêm com desgosto as lutas que ultimamente se têm travado no seio da organização operária com as quas só tem a lucrar o nosso comum inimigo — o capitalismo.

M. COSTA

Operário sindicalista

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas da casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A Conferência de Locarno

Faz que anda...

BERLIM, 23.—O conselho de ministros concluiu ontem de manhã o debate sobre as negociações de Locarno, sem votação, tendo autorizado o chanceler Luther e o sr. Stresemann expor os pontos de vista do governo à comissão dos negócios estrangeiros do Reichstag.

Esta comissão reuniu-se de tarde, ouvindo as exposições daqueles ministros, tendo dado à noite o debate por terminado, sem tomar, contudo, qualquer decisão.

Os membros da comissão concordaram em esperar os resultados das discussões diplomáticas que estão prosseguindo entre Berlim, Paris e Londres, com o intuito de ver realizadas as promessas feitas em Locarno.

O bailado das notas

BERLIM, 23.—Uma nova nota sobre a questão do desarmamento e as promessas feitas em Locarno pelos aliados, envolvendo a evacuação da zona de Colonia, foi ontem enviada a Paris.



Renovação
Revista Gráfica
A 15 de cada mês
Preço esc. 1,50

A prometida paz...

Agrava-se o conflito greco-búlgaro

ROMA, 23.—Segundo as notícias recebidas nesta cidade, os gregos continuam a avançar pelo território búlgaro, sem aguardar a terminação do ultimatum, cujo prazo expira ao meio dia de hoje.

Corre o boato de que, além de Petrich, outras cidades foram ocupadas.

Segundo ainda se afirma, o governo búlgaro vai pedir autorização aos aliados para ordenar a mobilização geral, a fim de poder proteger os legítimos direitos de soberania búlgara.

O cozinhado fervente...

PARIS, 23.—Um comunicado de Sofia confirma que as tropas gregas penetraram já com artilharia em território búlgaro, matando cinco sentinelas e iniciando o bombardeamento de Petrich.

Sabe-se também que o governo grego não respondeu ainda à proposta do inquérito sobre os incidentes da fronteira feita pelo gabinete de Sofia.

Parce que a Grécia preparava há muito um golpe de mão sobre os territórios fronteiriços da Bulgária.

Horror às responsabilidades

SOFIA, 23.—O governo búlgaro engeita as responsabilidades do incidente ocorrido na fronteira grega, insistindo na realização dum inquérito e protestando vigorosamente contra a invasão do território búlgaro pelas tropas gregas, da qual já resultaram vários mortos e feridos.

Depois do mal...

ATENAS, 23.—Em consequência do conflito com a Bulgária, o ministro dos estrangeiros pediu a demissão, sendo substituído pelo seu colega da marinha.

A ordem é... matar

ATENAS, 23.—O chefe do governo, Pangalos, recusou-se a aceitar a proposta búlgara para a realização dum inquérito sobre os incidentes da fronteira.

Oficialmente se anuncia que o terceiro exército avançou sobre o território búlgaro, ocupando a cidade de Petrich, onde se conservará até ser obtida completa satisfação das reclamações dirigidas ao governo de Sofia. Os postos búlgaros da fronteira ofereceram resistência às tropas gregas, sendo derrotados. Os combates continuam.

SOLIDARIEDADE

Pró António Viegas Lopes

E' amanhã que tem lugar no Salão de Festas da Construção Civil a festa de homenagem a António Viegas Lopes, há tempos doente.

Sobe à cena a peça em 1 acto «Mentira» que será desempenhada por distintos amadores. Haverá um acto de variedades e vários cultivadores da canção nacional farão ouvir algumas das suas melhores produções poéticas.

Os bilhetes podem ser procurados a Joaquim Madeira, administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Pró-Elvira Loureiro

No Salão de Festas da Construção Civil realiza-se hoje, às 21 horas, uma grandiosa festa em benefício de Elvira Loureiro que se encontra impossibilitada de trabalhar. Subirá à cena o drama «O dedo de Deus» e a comédia «Zaza».

A festa será abrilhantada pela «troupe» de bandolinistas «Boa Estrela», regida pelo maestro Mário Fragoço.

Os poucos bilhetes que restam estão à venda à entrada do Salão.

Pró Venceslau do Carmo Pereira

No dia 1 de Novembro, no Salão de Festas do Sindicato Metalúrgico de Lisboa, rua da Esperança, 204-2.º, tem lugar, às 20,30 horas, uma grandiosa festa em favor de Venceslau do Carmo Pereira que se encontra doente.

Pró-Congresso Juvenil

Promovido pelo grupo dramático «O Despertar», do qual é proprietário o Núcleo da Juventude Sindicalista de Silves, realiza-se hoje naquela cidade uma grandiosa festa em favor das despesas a fazer com a realização do 2.º Congresso das Juventudes Sindicalistas, subindo à cena as peças «Fome e Honra», «Amanhã» e «Comédia e Tragédia».

Sociedades de recreio

Grupo Dramático «Os Combatentes».—Hoje grandioso baile abrilhantado por um grupo instrumental da «Cruz Branca». Amanhã, às 18 horas, concerto musical. A's 21 horas, baile.

AGREMIÇÕES VARIAS

Associação dos Empresários Portugueses.—Na sua reunião de ontem e por proposta do sr. Ricardo Covões, lançou na acta um voto de pesar pelo falecimento da filha do dr. José Pontes e tratou, entre outros assuntos, da afixação de cartazes nas ruas e lugares públicos, assuntos estes que ficaram para ser resolvidos na próxima assembleia magna que deve efectuar-se na segunda-feira, 26 do corrente, às 4 horas da tarde.

A extinção dos Armazéns Reguladores

Realiza-se amanhã, pelas 11 horas, na sede da Associação dos Caixaeiros uma reunião magna de todo o pessoal contratado e assalariado do Comissariado dos Abastecimentos para apreciar as demarches efectuadas por uma comissão junto da Bolsa Agrícola, a fim de obter colocação para os que sejam despedidos, devido à próxima extinção dos Armazéns Reguladores.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkonof. Preço \$50.

A GREVE DO HAVRE

A «Humanité» publicou uma notícia infamante para os marítimos de longo curso

A greve dos marinheiros do Havre que dura há já bastante tempo obrigou o paquete «Amiral-Gauthier» a dirigir-se a Cherbourg para arranjar tripulantes. O navio que se dirige ao Brasil completará a sua equipagem em Lisboa com marinheiros portugueses, segundo lemos no órgão comunista de Paris, *Humanité*.

Os marinheiros de todas as especialidades do porto do Havre, reunidos em sessão magna, protestaram contra a atitude arbitrária da Companhia Geral Transatlântica que se recusa a satisfazer as suas reclamações e pediram a demissão de sub-secretário de Estado da marinha mercante, em virtude da sua incapacidade, várias vezes manifestada que originou a miséria de centenas de trabalhadores do paquete «France».

Resolveram chamar também a atenção do presidente do Conselho para a incorrecta conduta do administrador de inscrição marítima do Havre, que em contradição com as próprias leis de Colbert, se transformou num encarnado perseguidor dos marinheiros da marinha mercante.

Equivoçou-se a *Humanité*. Os marinheiros da marinha mercante portuguesa não se prestam a traír greves, pois sabem estender, para além das fronteiras, os seus deveres de solidariedade. Estamos certos de que não se fará esperar um desmentido formal à atoarda da *Humanité* por parte dos sindicatos marítimos de longo curso.

Uma escola de Tortozendo que ameaça ruínas

TORTOZENDO, 21.—A escola primária desta terra, encontra-se num estado deplorável. As crianças, sempre medrosas e tímidas, quasi se assustam em lá entrar. E com razão!... Aquilo não é uma escola do Estado, mas sim, uma ratoeira armada, à espera do inverno, que já nos ameaça com as suas chuvas.

A água penetra lá dentro com grande abundância, que obriga por vezes as crianças a abandonarem os seus trabalhos, para se recolherem a um lugar mais suave.

As paredes nuas e com largas fendas, deixam passar facilmente todas as grandes tempestades, como estas terras, nas proximidades da Serra da Estrela, são frequentemente assoladas.

E ainda não é só isto. Lá dentro encontra-se dum péssimo estado. Secretárias desconjuntadas, tinteiros partidos, falta grande de material, mapas rotos, janelas sem vidros, etc., etc. E tudo isto é num país onde há uma grande quantidade de parasitas a consumirem milhares de contos que devem servir para a instrução do povo, tão ignorante que se deixa ainda arrebatado por religiões fantásticas...—C.

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espírito revolucionário?

Lêde o impressionante livro de Archinoff

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACOVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos soviets.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10\$00

A' venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. Desconto aos revendedores.

As crianças da freguesia das Mercês assistem à matinee de hoje no Coliseu dos Recreios

As crianças protegidas pela Junta de Freguesia das Mercês, que frequentam a Colónia balnear dr. António José de Almeida, na Cruz Quebrada, devem comparecer hoje, pelas 13 horas, na sede desta Junta a fim de seguirem para a «matinée» que, em sua honra, se realiza no Coliseu dos Recreios.

OLADRÃO

Este drama foi ontem, em São Carlos, ouvido religiosamente, tendo tido a grande artista Lucília Simões, à sua entrada em scena, uma calorosa manifestação; nos finais de acto houve chamadas, especiais a Lucília, Erico, Almada, etc., etc.

UM BURLÃO

Procuraram-nos José Simões e Valentim Loureir para, em nome do pessoal licenciado da obra Machado de Castro, nos contar o seguinte:

Para chefe da tarefa dos trabalhos daquela obra foi nomeado um tal José da Costa que nas quatro semanas que durou a execução dos referidos trabalhos se locupletou com o melhor de algumas centenas de escudos, excedente da verba paga em salários e total do rendimento da tarefa. Só na última semana, porque o engenheiro Luis Filipe dos Santos preveniu os burlados do total pago pela tarefa, é que o José Costa não pôde burlar em 300\$00 os operários reclamantes.

Para maior ousadia o José da Costa injuriava as vítimas, informando-as que tinha contribuído para os presos sociais com as quantias que ele gastava em seu proveito. Ai tem o leitor um belo exemplar...

TIVOLI
TEL. N. 5474
A'S 8 HORAS E 3/4
CINEMA-CONCERTO
A MULHER MAIS BONITA DO MUNDO
Film principal em oito partes
Orquestra de arto sob a direcção de Nicotino Milano — No programa musical:
Puerta de tierra..... Albeniz
Capricho espanhol..... Rymsky Korsakoff
Sonho de amor..... Liszt
Marcha festiva..... R. Strauss
A dor de Randell..... Zolner
Dances persanes..... Moussorgsky
e outros números
Amanhã: — «Matinée» às 3 horas.

Os sarnosos «hospitalizados» na esquadra da Mouraria estão a morrer!

Os presos Celso Pinto Marques dos Santos e José Pedro Franco, que a policia por escárnio «hospitalizou» na esquadra da Mouraria por se encontrarem atacados de sarna, desde domingo, dia em que ali deram entrada, que não comem. Por lhe terem estabelecido a irrisória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a fingir que se alimentavam. Foi uma decisão por sinal bastante violenta.

A policia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem que receber tratamento no hospital de São José, ainda não foram enviados aquele estabelecimento. Saíram do governo civil para se tratarem da sarna. Afinal ainda ninguém procurou que lhes, fosse feito o mais leve tratamento. Saíram cobertos de sarna, continuando cobertos de sarna!

No governo civil ainda tinham o recurso do médico para recorrerem. Ali só têm o chefe que ordenará, à mais leve infração, que lhes seja cortado o cabelo!

Podem os presos morrer de fome, agravar-se mesmo a sua molestia, que isso pouco importará aos modernos inquisidores da esquadra da Mouraria.

A situação dos presos referidos, segundo nos dizem, é verdadeiramente critica. Vítimas dum longo cativeiro no governo civil e sem alimentação há 5 dias não tardará que sejam dois cadáveres, vítimas imoladas ao capricho da policia!

Que negro é o sudário de crimes desta policia!

O SALTIMBANCO

Tudo o trabalho de *Alves da Cunha* nesta drama, em scena no Apolo, é curiosissimo nos seus pormenores, indicando bem o talento do artista e as suas faculdades de observação.

Congresso da Indústria do Vestuário

Voltou ontem a reunir a comissão organizadora deste congresso que se occupou da situação de alguns sindicatos da provincia. Tomou em consideração um officio das camaras de Lamego sobre a possibilidade de organizar-se naquela cidade um sindicato da industria, resolvendo officiar-lhe de harmonia com as resoluções tomadas.

Em breve vai esta comissão encetar alguns trabalhos tendentes à organização dos luveteiros, camiseiros, modistas e engomadeiras. A comissão que volta a reunir na próxima quarta-feira, roga a todos os organismos a quem foram enviados officios sobre o congresso, que lhe respondam o mais breve possivel.

Uma indiferença prejudicial

Convidou o sindicato dos carruageiros, por intermédio do nosso jornal, o pessoal do Parque Automovel Militar a reunir na sua sede, a fim de tratar da difficulosa situação em que se encontra. O pessoal absteve-se de comparecer. Por este motivo o sindicato dos carruageiros pôs de parte o assunto que originou a convocação da reunião, deplorando que o pessoal do Parque Automovel Militar leve-se tão longe a sua indiferença perante uma ameaça que lhe pode arrebatado o seu pão e o de suas familias.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.*—R. dos Retózeiros, 125—LISBOA.

Auxílio aos hospitais

A casa de produtos químicos e farmaceuticos *Les Etablissements Chatelet* enviou para os hospitais civis de Lisboa produtos da sua especialidade nos valores respectivos de 1.454 francos para Santa Marta e 5.445 para São José, Desterro, Estefânia e Arroios.

Estes donativos consistem em especialidades farmaceuticas, tais como: Argent colloidal, electrico, cachets dr. Manget, fadorine, fémminoglandul, fluidine, globol, glicerofosfaté de chaux, giraldoe, jubol, jubolito ires, kola, Masglandol, notcil, paeol romanil, spiramin, Vamamine, dosarter, gamostil, plasmoel, byran, trepan, argent, arsenic, cuivre, colloidalx, bilexibol embrocation, methyloistores, thymocalcine, antimoustique, thylorsinate de soude, de gaiacol, de fer, cacodilate de soude, etc.

Casa dos Trabalhadores de Portimão

Vai a U. S. O. de Portimão levar à prática sessões de propaganda neste sentido, em todas as classes organizadas, iniciativa esta aprovada em refinação do Conselho, há alguns meses, mas que só agora pode ter execução.

Está a comissão para tal fim nomeada, esperando na bom acolhimento a obter, dada a necessidade que todas as classes têm em possuir uma casa que seja propriedade sua.

COLISEU

HOJE—A's 21 (9 da noite)—HOJE

Extraordinário e surpreendente programa

—DA—

Grande Companhia de Circo

O mais retumbante successo da «Venus Moderna»

MISS QUINCY

Emocionante e admirável trabalho

Estreia dos notáveis equilibristas em bicicleta

THALIA E FABIANINO

e dos aplaudidos gymnastas olímpicos

THE BAZILY'S

Sempre novidades Sempre atrações

Amanhã — Grandiosa matinee

Bilhetes à venda

Segunda feira—Grandiosa e sensacional estreia

R. célebre, aplaudido e surpreendente «troupe»

ALEGRIA Y ENHART

Arte Elegancia Luxo

'A Batalha' na provincia e arredores

Almada

Inconsciência operária

ALMADA, 20.—Uns indivíduos, na ansia de se enriquecerem e encorajados pelo comércio, da mesma ansia atacado, têm organizado nesta vila várias touradas.

Não nos admira que tal acontecesse, dada a tendência retrógrada desta gente. Porém, o operariado de Almada, de tradições revolucionárias, descer ao triste espectáculo de estupidamente perder noites à espera do gado e arrancar dos seus poucos salários, dinheiro para assistir a espectáculos tão estúpidos e barbaros, é que não pode passar sem o nosso protesto.

Não é só exigir dos professores que ensinam aos nossos filhos uma boa moral. Não é só dizer que se não deve fazer mal à árvore, porque ela nos dá a sombra, as madeiras para construirmos as casas, etc. E' preciso, também, que os nossos exemplos e as nossas acções possam ser seguidos por nossos filhos e não estejam em contradição com o que de bom o professor lhes ensina. E' preciso que todo o operário se lembre que o boi é o animal mais útil ao homem e por essa razão deve ser adorado e não turrado...—C.

Barreiro

Um médico à força

BARREIRO, 22.—Estão os ferroviários do Sul e Sueste, residentes no Barreiro ou que aqui necessitem de serviços clínicos, pessimamente servidos. A' testa da secção médica está um médico que não merece a confiança dos ferroviários. Ferroviário que se encontre mais abalado de saúde, em para seu descanso e dos seus, de sacrificar os vencimentos, a fim de recorrer à consulta particular.

Isto não pode continuar, e agora encontramos a razão que levou o falecido dr. sr. Costa a opor-se a que tal nomeação se fizesse.

O dr. Carogo pode ser um bom politico para os correligionários, mas para os ferroviários, como, de resto, para toda a gente, é um mau médico. Não se passa um dia sem que haja queixumes contra o dr. Carogo.

A Administração Geral, a direcção do Sul e Sueste e o Serviço Central de Saúde devem ter conhecimento do que se tem passado.

Sendo assim, porque não põem cõbo a este estado de cousas, fazendo nomear um médico que de facto o seja? Aos dirigentes dos caminhos de ferro do Sul e Sueste compete providenciar.

Serviços desta natureza não podem estar à mercê de qualquer mentalidade doctina...—C.

Lê a revista gráfica RENOVAÇÃO

DENTES ARTIFICIAIS a 2\$00. Extracção de dentes sem dor a 1\$500. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 2\$000. Dentaduras completas sem placa em «cauchê». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Prêso há 75 dias

O operário manipulador de pão José Marques Teixeira foi há 75 dias preso na calçada do Combro por um policia que dá pelo «sobriquet» de «Mucha-Gata». Conduzido para o Governo Civil sob a promessa de que seria imediatamente solto ali o conservaram até à data, parecendo haver da parte da policia a intenção de eternizar-lhe o sofrimento.

Como este quantos presos se encontram expiando um delicto que não cometeram!

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 1\$500

Pelo correio 1\$650.

Pedidos à administração de «A Batalha»

TEATRO APOLO

TELEFONE NORTE 4129

—HOJE—

O extraordinário drama

O SALTIMBANCO

—HOJE—

Os principais papeis

POR

BERTA DE BIVAR

e

ALVES DA CUNHA

—HOJE—

OPTIMA INTERPRETAÇÃO

Conjunto harmoniosissimo

Ensenação

de Araújo Pereira

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n

INTERESSES DE CLASSE

Aos tipógrafos em geral

Prossiga amanhã, no nosso sindicato, — runcionando a assembleia com qualquer número, visto ser prolongamento da sessão de domingo passado — a discussão duma proposta, apresentada por uma comissão de colegas dos quadros dos jornais, sobre greves gerais e suas anomalias.

Se bem que a comparência à primeira sessão fosse bastante animadora e deixe antever o início de regeneração de alguns, que raro apareciam, não será demais frisar a conveniência de não deixar esse qualquer número à mercê dos directamente interessados, abandonando um assunto que deve ser resolvido por forma a não dar às restantes classes organizadas a triste impressão de que estamos andando para trás.

Recusou-se a assembleia de domingo a admitir um documento que quanto a mim pecava, apenas, por tratar as coisas pelos seus verdadeiros nomes.

Vencido, mas não convencido (disso estou eu certo), pela atitude da assembleia, resolveu o apresentante aproveitar este interregno para, com calma e paciência, limar as arestas contudentes da obra que, injustamente, poderiam ir agravar aqueles de quem a classe há muito se habituou a receber inúmeras provas de consideração.

Será, pois, em volta desses dois documentos que girará a discussão de amanhã, e o assunto afugura-se-me de importância bastante para que, não só os que assistiram ao início destes trabalhos, mas ainda aqueles que, no passado domingo, lamentavelmente se esqueceram, compareçam a esta reunião, dispostos a arrumá-lo no seu devido lugar.

Resolvido, porém, este problema, outros de não menos importância, e derivados do Congresso Gráfico, há pouco realizado, terão de ser presentes a assembleia da classe, e necessário se torna acabar, duma vez para sempre, com o errado critério de que o único dever dos associados consiste em ter em dia a sua caderneta.

Se é certo que esse é dos principais, outros existem que é mister cumprir sem desfalecimentos, e entre esses resalta o de comparecer às assembleias, disposto, pelo menos, a aprovar ou rejeitar, com consciência, os trabalhos que forem submetidos à sua sanção.

Urge, enfim, que todos os esforços se congreguem em volta do sindicato, único baluarte onde poderemos impor as nossas reivindicações, e que será tanto mais forte e agüerrido quanto maior for a força da nossa coesão em seu redor.

Lyster FRANCO

Tipógrafo sindical

A sede única dos gráficos

Já nestas colunas os meus colegas Virgílio Moura Santos e Ernesto de Carvalho, chamaram a atenção dos gráficos para a necessidade dos organismos profissionais adquirirem uma sede, onde os mesmos se instalem amplamente.

Estou plenamente de acordo, e os meus préstimos estão à disposição de quem queira dedicar-se ao trabalho de efectivar essa aspiração, porque tenho a certeza que encontrará o melhor acolhimento por parte de todos os elementos da grafia.

O meu desejo não é arranjar uma sede para os compositores tipográficos, mas sim para todos os trabalhadores do Livro, do jornal, profissões similares, cuja instalação esteja no nosso caso. E parece-me que todos os organismos gráficos vivem na mesma situação. Falta-lhes sede própria. E, portanto, imprescindível uma casa comum, a junção de todos, tanto pelas vantagens de organização, como dos trabalhos a encetar nas respectivas classes.

Não devemos esquecer que uma assembleia nossa deliberou que para a criação do Sindicato de Indústria era necessária uma sede onde estivessem instalados todos os componentes da grafia e respectiva oficina dos compositores.

No II Congresso realizado em Santarém foi dada uma resolução aprovada, assim como a constituição do Sindicato de Indústria, que só poderá ter exequibilidade quando existir casa suficiente para a expansão que necessitam.

Mas isto só se conseguirá se interessarmos todos os organismos, e não é difícil. Cada um tem arrecadado certas quantias para o mesmo efeito. Vamos, pois, juntar os esforços e distribuir funções de maneira a alcançarmos o nosso desideratum: uma sede única, comum a todos.

Não podem os sindicatos continuar a habitar gabinetes dourados colectivamente, quasi por favor, sem aquele ponto de contacto que se reconhece como útil e necessário à defesa dos seus interesses profissionais, económicos e sociais.

Mãos à obra. Uma ideia. A Federação dos Trabalhadores do Livro, do jornal e similares convocaria todos os Sindicatos a nomearem dois delegados que constituiriam com um delegado seu a Comissão Pró-sede dos Gráficos, e deliberariam pôr em execução alguns alvitre já apresentados aos outros que entendessem de maior oportunidade e de mais rápido aproveitamento.

E tenho a certeza que dentro de pouco tempo os organismos teriam uma sede própria, onde todos os seus filiados, encontrariam forma de recrear o espírito bibliotecário, sessões de propaganda e protesto; conferências sobre higiene nas oficinas, educação sindical, problemas sociológicos, científicos e filosóficos, etc., etc.

Uma sede comum impõe-se como um dever!

Carlos José de SOUSA

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Os delegados deste organismo procuraram na tesouraria do ministério do Trabalho o sr. Cunha Belém para saber o que havia com respeito à verba para a reabertura das obras da Maternidade.

Por aquele senhor foi dito que em vista de ter sido aumentada para 400 contos a primeira prestação, tiveram que ser entregues novos documentos à repartição da contabilidade do ministério das Finanças; por isso está esperando que esses documentos baixem à tesouraria, pelo que a comissão voltará hoje para saber o que há a tal respeito.

Também se sabe, por via particular, que a comissão dos engenheiros que foram nomeados para estudar o projecto das obras do edifício das Encomendas Postais já reuniu para tratar do assunto.

AS GREVES

Quadro tipográfico de "A Epoca"

Os quadros dos jornais resolveram auxiliar monetariamente os grevistas

A pesar dos dos esforços dispendidos em recrutar pessoal para a manufatura do jornal A Epoca, a empresa tem-se visto seriamente embaraçada lançando mão de indivíduos de moral duvidosa e não profissionais como um tal Arnaldo Silva, empregado da administração de que há tempos foram dispensados os seus serviços por ter burlado a empresa; um outro de nome Hercúlo e o filho do chefe sr. Figueiredo, que foi obrigado a sair da oficina por ter inutilizado uma grande porção de tipo corpo 6, deixando-o nas retreites; um policia das ruas, de nome Franco e dois tipógrafos de Vila Franca de Xira e outro de Évora de nome Simpliciano de Brito, que segundo consta lhes fora notificado se um dia se sindicalassem seriam despedidos.

E' provável que estes dois tipógrafos não estejam informados do conflito, de contrário não se prestariam ao papel de traidores duma causa justa, e que terminado este conflito, tenham que regressar às localidades onde vieram enganados.

Os delegados dos jornais que ontem reuniram para assentar na solidariedade a prestar aos grevistas resolveram encarregar a direcção do seu sindicato a estipular a coita de auxílio que cada componente contribua semanalmente, enquanto se prolongar o conflito.

A solidariedade dos vendedores dos jornais

Excedeu toda a expectativa a solidariedade dos vendedores de jornais aos grevistas de A Epoca, que se manterá enquanto durar o conflito. Ela não atingiu os vendedores das linhas de Sintra, Amadora, linha norte, Barreiro, Setúbal, Alcacer e algumas terras da linha de Cascais.

O sindicato procurará dentro em pouco levá-la a todos os pontos do país, assim como registou a adesão de alguns distribuidores que na segunda-feira abandonam aquele jornal.

Resolveu também o sindicato dos vendedores de jornais oficializar os seus colegas do Porto para secundarem, ali, a greve.

Operários que não recebem salário

Em carta que nos dirigiram, os operários que trabalham na construção da muralha que vai do Seixal a Arrentela queixam-se de que há 21 dias não recebem salário, nenhuma importância ligando à sua situação a administração da Divisão Hidráulica. Pedem-nos aqueles operários para tornarmos pública a sua situação, o que por este meio fazemos.

EM CABEÇO DE VIDE

Novos pormenores sobre o caso Maridalho

CABEÇO DE VIDE, 22.—O caso Maridalho—assim se deve chamar o conflito provocado pelo célebre Maridalho—está longe do seu fim. Afugura-se-nos que ele até entrou numa nova fase. Há uma nova entidade comprometida nele — a estação telegráfica-postal. Aclaremos.

Toda a correspondência que foi enviada pela associação rural e pelos presos acusados de incendiários não chegou ao seu destino, no que se refere à expedida nos dias 2, 4 e 5 do corrente. Porquê? Teria sido interceptada?

Foi isso que procurámos saber junto da sr. D. Adelina, chefe da estação telegráfica postal. Esta senhora disse-nos que não tinha ordem para reter qualquer correspondência. Logo, se não chegou ao destino a que estava registada, os seus autores tinham o direito de reclamá-la. Agora resta-nos saber o que pensa a este respeito o chefe da estação da Fronteira. Seria de facto a influência das autoridades e da burguesia que motivou esta retenção?

Também chegou ao nosso conhecimento um novo pormenor sobre o já célebre conflito. Quando se deu a prisão dos rurais acusados de incendiários pelo célebre Maridalho, foi o policia de investigação de Lisboa, Mário Monteiro, quem teve a gentileza de fornecer comer aos próprios presos, pago do seu bolso, porque as autoridades não se importaram com a alimentação dos presos. Mas se nos agradau registar esse gesto, não podemos aceitar o outro gesto do sr. Mário Monteiro ordenando, quando retirou para Lisboa, que fosse suspensa as rações aos presos. Porquê?

E só este regime estiveram os presos até ao dia 6, dia em que foram entregues ao poder judicial. No dia seguinte foram os presos restituídos à liberdade, ficando ainda preso o camarada LÉ.

* * *

Um último pormenor que não deixa de ser interessante. Ao camarada António Júlio LÉ foi concedida uma liberdade provisória. Podia ir a casa, mas teria que regressar imediatamente. Como aquele camarada fizesse uma ausência mais demorada, as autoridades, supondo-o comprometido no incêndio, lançaram a atoarda de que ele tinha fugido para se eximir às responsabilidades. Depois faziam expedir para Extremoz e Arronche ordem de captura para o "fugitivo".

Atual quando menos o esperavam o camarada LÉ entrou sorridente no posto da Fronteira. Tinha vindo a Lisboa, a C. G. T., contar com os factos se passaram e proclamara a sua inocência. Assim terminou este fim que tão mal preparado foi pela burguesia.—C.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00. A obra mais barata que no género se publica

A todos os sindicatos operários do país

Vai A Batalha publicar um almanaque para 1926 no qual tenciono inserir uma lista, o mais completa possível, de todos os organismos existentes no país. Para esse efeito solicitamos de todos os sindicatos que preencham o questionário abaixo e o enviem urgentemente à nossa administração.

QUESTIONARIO

Título do Sindicato

Sede

Data da fundação: dia _____ de _____ do ano de _____

Tem escola? _____ Para crianças? _____ Para adultos? _____

indicar a quantidade de alunos).

População associativa:

homens _____

mulheres _____

Mais sindicatos instalados na sua sede _____

ou na mesma localidade (freguesia ou concelho): Títulos e sedes: _____

Sindicatos da mesma especialidade ou indústria noutras terras do país: Títulos e sedes: _____

A's duas últimas perguntas basta que se indiquem os sindicatos que não estejam federados ou não tenham federação de indústria.

Este questionário deve ser cortado e depois de preenchido enviado em envelope aberto com estampilha de 15 centavos; vindo acompanhado de officio, em carta fechada com a estampilha de 40 centavos.

Contra o assalto à C. G. T.

O Sindicato Unico Metalúrgico de Gaia, que acaba de reorganizar-se, em sua última reunião aprovou um protesto contra o assalto à C. G. T.

O Conselho Central da Federação dos Trabalhadores do Livro, do jornal e similares, reunido pela primeira vez após o assalto feito pela policia à sede de vários organismos operários, eleva o seu mais veemente protesto contra essa prepotência policia e saúde efusivamente os organismos atingidos, e em especial o Sindicato dos Impressores Tipográficos como organismo federado, ao qual envia a expressão da mais estreita solidariedade.

— Comunica-nos a comissão administrativa da Federação Vinícola que, em sua última reunião, aprovou um protesto contra o assalto de que foram vítimas os organismos operários instalados na calçada do Combro.

O Grupo Femenino Libertário Luísa Michel protestou contra os assaltos da policia à sede dos organismos operários e contra a arbitrariedade das deportações, resolvendo também enviar um telegrama ao presidente do governo exigindo o regresso dos deportados e o seu julgamento na metropole.

HORARIO DE TRABALHO

No jardim Colonial

Informam-nos de que no Jardim Colonial, dependencia do Estado, que devia ser o primeiro a respeitar as suas leis, se foram os operários mais modernos a trabalhar nove horas cada dia, quando não deviam trabalhar mais do que oito horas que é a justa regalia que gozam os mais antigos.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Dário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos. Pedidos à administração de A BATALHA.

Secção Telegráfica

Federações

CALÇADO, COURO E PELES

Pôrto.—Amílcar Pereira Dias.—Recebemos vale. Segue officio.

Póvoa de Varzim.—Segue recibo e modelo de estatutos.

Braga.—Segue expediente e respectivo recibo.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Recebemos vale de correio e officio. Mandámos fazer cartimbo. Enviámos carta.

Núcleo do Pôrto.—Conselho Federal vai resolver assunto. Escrevemos

Um modelo de encarregado da Companhia Fiação e Tecidos Portuense

Na Companhia de Fiação e Tecidos Portuense, roça que já em tempos nos mereceu um grande cuidado profligador, existe um candidato a ser humano a quem os infelizes padinhos tiveram a desdita de lhe pôr o chamadouro de Joaquim Leitões da Silva, o Finguito.

Esta pobre criatura, pobre de espirito e de cabedais, exerce naquelas galés do trabalho o "elevado" cargo de encarregado dos afinadores dos teares.

Mas se aquele aborto mental é pobre de espirito e de cabedais, em compensação é riquíssimo na patifaria, no insulto, na malcriadez: deixa ruborecida qualquer desgraça de alcoice...

A organização operária é, constantemente, enxovalhada, vituperada, pela boca imunda, desbragada, do indecente Leitões. Mas, jque diabo, que ele, para ter mais um pouco de "leiteira" em face do seu patrão, investisse somente, com parvoíces vermelhas, a organização operária—ainda se lhe poderia dar o desconto que merecem todos os "diabos"...

O homem, porém, vai mais longe na sua fúria de bestialidade.

A pretexto de qualquer coisa, a propósito da mínima picuinha, dá-lhe para multar, inexoravelmente, as operárias. Pois se na Companhia de Fiação e Tecidos Portuense os ordenados são tão tentadores...

Ao lado, porém, da sua forma ferina, tem, igualmente, o seu aspecto líbrico, supondo-se um verdadeiro Landru da fábrica. E assim, sem o menor respeito por quem que se seja, e-llo todo "galanteador" a apalpar todas as mulheres que lhe agradam: nesses momentos de apetite carnal, julga a fábrica transformada em esconderijos suspeitos...

— Ai do pessoal que tenha a infelicidade de andar debaixo dos seus domínios: de quando em quando, ele sente o peso da sua cólera!

Mas para os "meios palmitas de cara" que a escravidão do trabalho extenuante e a repulsiva exploração do salário ainda não deformaram de todo, então o ti Joaquim, por ocasião de festas, faz-lhes toda a sorte, todo o namoro de "vontades", para, chegando o dia das tais festas, ele lá ir, e comer, e viver, à custa das desgraçadas operárias...

O Joaquim é todo da simpatia do "geral" isto é, do mestre principal e a tal ponto que chega a pretender desfazer as suas ordens, só para melhor cevar o seu ódio no pessoal que não encara...

E tão bom é o Finguito que, tendo ordenado mensal, é seu desejo que os afinadores, que recebem semanalmente, percarn essa regalia. Já se tem manifestado em tal sentido.

E' um burro que não conhece uma letra do tamanho duma casa. Mas para a pulchice, conforme rezam os informes que arquiva-mos, é um emérito...

E consente-se, nestes tempos, um diabo assim tão ruim... ¡Que tristeza!

C. V. S.

História de Portugal de Pinheiro Chagas, vende-se uma. Diz-se nesta administração das 14 às 18 h.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal dos Tabacos.—Na passada sexta-feira, 9 do corrente, reuniu-se em assembleia geral o pessoal dos tabacos admitidos depois de 15 de Maio de 1890, para apreciação, discussão e aprovação do projecto de uma Caixa de reformas ou aposentações para o referido pessoal, e cujas principais conclusões são as seguintes:

—Garantir a reforma aos seus associados que após 35 anos de serviço ou 60 anos de idade se inabilitem para o trabalho, sendo acautelados na referida caixa todos os casos de doença ou de acidente no trabalho e garantido aos herdeiros dos associados (quando falecidos) receberem as cotas dos mesmos com redução de 10 %, não sendo despresados também os interesses dos contribuintes no caso de despedimento ou saída voluntária da indústria.

Foi também aprovado na mesma assembleia o desconto de 100/100 sobre os lucros a receber este mês, para reforçar a verba da caixa em organização, resolvendo mais que essa importância fique em poder da Companhia até completa execução desta aspiração. Segundo os cálculos feitos pelos delegados, calculam ter em caixa ao fim de 6 anos, que é quando a dita caixa entra em execução, a importante verba de 3.000 contos, podendo então reformar 100/100 dos seus associados.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do jornal e similares.—Reuniu ontem o Conselho federal com a representação dos delegados dos seguintes organismos: Conselho Inter-Federal, Compositores, Impressores Tipográficos, Encadernadores e Anexos, Litógrafos e Anexos e Papeleros de Tomar.

Foi apreciada uma circular da C. G. T., nomeando-se delegados ao Conselho Confederal Delm de Sousa, Pinheiro e Carlos José de Sousa, e lida a circular a enviar aos organismos gráficos sobre as acumulações de empregados do Estado na indústria, a fim de impedir que exerçam essas funções em detrimento dos profissionais atendendo à crise de trabalho que os atinge; sobre a reorganização da Liga das Artes Gráficas de Setúbal foi incumbido o secretariado de encetar todos os trabalhos necessários à sua efectivação.

Por último foi apreciado o movimento grevista do quadro tipográfico de A Epoca e a solidariedade prestada pelos vendedores dos jornais, sendo resolvido que a Federação se faça representar na assembleia geral dos vendedores de jornais pelo seu secretário geral, e enviar uma circular aos organismos gráficos sobre as percentagens para a estabilidade de O Gráfico, em conformidade com a resolução do Congresso.

Federação Vinícola.—Comissão Administrativa.—Em sua última reunião tomou as seguintes deliberações: enviar ao Sindicato dos Tanoeiros de Almada um delegado para assuntos administrativos; pedir aos organismos da indústria que ainda não nomearam delegados que o façam com a máxima urgência; fazer publicar ainda este mês o órgão corporativo e responder em breve ao parecer do S. dos T. de Armazéns de Gaia que propõe a fusão dos organismos da indústria do norte do país, cujo documento foi apreciado nesta reunião além doutro expediente a que deu despacho.

S. U. C. Civil.—Secção dos Pedreiros.—Reuniu em assembleia geral a secção dos pedreiros tendo apreciado a crise de trabalho e a tentativa de redução de salários que se está forjando.

Foi resolvido dar plenos poderes à comissão de defesa profissional para ir verificar se de facto na obra Gama Pinto se está fazendo trabalhos fora das regras profissionais. Dentro em breve realiza-se nova assembleia geral para apreciar o relatório da comissão sobre a obra Gama Pinto.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Sindicato da Construção Civil de Sintra.—Reúne pelas 2,30 horas, a Comissão Administrativa.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação Corticeira Nacional.—Reúne-se amanhã o conselho federal, na sua sede, em Mutele, pelas 12 horas, para se tratar de assuntos importantíssimos. A comparência de todos os delegados é indispensável.

Compositores Tipográficos.—Amanhã, pelas 14,30 horas, continuação dos trabalhos pendentes da última assembleia geral.

União Têxtil.—Amanhã, a assembleia geral, para leitura e apreciação do relatório do delegado à conferência têxtil e ao congresso confederal.

Vendedores de Jornais.—No próximo domingo, pelas 18 horas, reúne a assembleia geral.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Trabalhadores Rurais de Aldegalga.—A assembleia pelas 20 horas, 2.ª feira, para se resolver sobre a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Leitura da acta da assembleia anterior; 2.ª Solidariedade a prestar às camaradas chacineras; 3.ª Assuntos de carácter colectivo e social.

União dos Sindicatos Operários do Pôrto.—Com a representação de 12 colectividades profissionais, reuniu o Conselho Federal deste organismo, sob a presidência do delegado dos Manipuladores de Tabacos, secretariado pelos representantes do Vestuário e Manipuladores de Pão.

Aprovada a acta com algumas rectificações, é lido um officio da Associação dos Cortadores das Carnes Verdes, em resposta a um outro da U. S. O. a propósito de um conflito suscitado entre os dois organismos. Sobre o officio foram vários delegados, entre eles: o secretário geral, que entende não ter o assunto mais discussão; Alberto Carneiro, que é de opinião que o Conselho se deve dar por satisfeito com a resposta dada pela Associação dos Cortadores de Carnes Verdes e com a reentrada do seu delegado; e Timóteo, delegado dos manipuladores de calçado, o qual, embora se congratule com o regresso do delegado dos Cortadores das Carnes Verdes, não se dá, contudo, por satisfeito com a doutrina do referido officio na parte em que insinua ser a organização apenas da tendência anarco-sindicalista, quando isso não é ver-

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

A situação do operariado de Tortozendo

TORTOZENDO, 21.—Em face da crise de trabalho que se tem manifestado nesta vila, vêm-se obrigados alguns operários, dos que tanto têm produzido para o enriquecimento da classe patronal, a estender a mão para que lhes seja suavisada a fome, que tanto os persegue.

Os proprietários das fábricas, sem consciência alguma, acabam de despedir os seus operários, aumentando assim o número dos sem trabalho, e por tal motivo a miséria em mais algumas dezenas de lares.

Manufactureiros de calçado

Realiza-se hoje, pela 21 horas, na sede do Sindicato dos Ferrovários, rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.ª, uma reunião magna para tratar da baixa de salários, premeditada pela insólita ganância dos industriais.

Do manifesto convocatório dessa reunião passamos a reproduzir as seguintes vibrantes passagens:

«Fundamentados na crise de trabalho, alguns industriais menos escrupulosos vêm preparando o ambiente para te levar a aceitar uma baixa de salário que tu passivamente aceites, esperando que assim não te faltará o trabalho. Mas, pura ilusão, porque esse pouco trabalho que tens, faltar-te há, logo que o industrial tenha os seus «stocks» ou fornecimentos completos. E depois... porque não te alias aos teus camaradas de sofrimento? Nem sequer te fica a facilidade de reconquistar o salário que, mercê da tua indiferença, deixaste perder.

«Se abandonas a Associação e os teus camaradas, serás vítima da tua própria cobardia. Se, pelo contrário, tens em conta este apelo, que significa a miséria de muitas centenas de camaradas teus terá a tua defesa assegurada. Se os patrões se unem para melhor exercerem a exploração do trabalho, é mister que nos unamos também para nos defendermos.

Basta de indiferença! Basta de cobardia moral!»

Operários do Mobiliário

Na assembleia magna ontem realizada foi apreciada um parecer da Comissão de Resistência sobre a crise de trabalho e a pretendida baixa de salários, parecer que descreve os factores contribuintes para a situação difícil que se atravessa e preconiza a adopção de medidas atinentes a debelá-la.

A assembleia escalpelizou a acção empreendida pelo patronato contra as regalias conquistadas pela classe e aprovou uma proposta no sentido de que se realize uma nova assembleia magna na próxima quarta-feira, com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação de comissões de vigilância ao horário de trabalho e contra o uso do trabalho de empreitada, e fixação do salário mínimo.

A assembleia ventitou a ideia de, para conseguir-se um equilíbrio da produção, no caso de persistir a crise, reivindicar o estabelecimento do horário de 6 horas, de maneira a que todos os operários tenham uma situação igual, fazendo-se remunerar de forma a poderem manter as suas famílias.

A fim de distribuir convites para a próxima assembleia, que deverá ser numerosa pela importância das resoluções a tomar, a Comissão de Resistência necessita de, de hoje até terça-feira, os operários desempregados, os que estão a trabalhar reduzido e um operário por cada oficina das que laboram vão à sede do Sindicato buscar os referidos convites.

Uma nota da Associação dos Tanoeiros

A comissão administrativa da Associação dos Tanoeiros de Lisboa, tendo conhecimento de que vários industriais estão desrespeitando a tabela de preços no respeitante ao reforço, previne o operariado da indústria que não deve consentir semelhante desrespeito, prevenindo, quando do facto tiver conhecimento, a sua associação de classe para ela providenciar como for conveniente.

Mais previne todos os tanoeiros que não devem consentir uma baixa de salário que os patrões se propõem realizar.

Na próxima quarta-feira reúne a assembleia da classe para apreciar este assunto.

Operários licenciados das Obras do Estado

A comissão de melhoramentos da Associação de Classes dos Mestres e Operários das Obras, dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi ontem recebida pelo chefe de gabinete do ministro do Comércio, que ficou de transmitir ao referido ministro a grave situação em que ficam os mestres e operários das obras que paralisaram e hão de paralisar, se o governo não autorizar as verbas de 800.000\$000 por art. 39.º e pelo art.º 49.º 200.000\$000 o que ficarão sem trabalho 3700 perários, afora os 100 operários que foram licenciados.

A comissão volta na próxima segunda feira a receber uma resposta definitiva, pelo qual convida todos os operários licenciados a reunirem na sede da associação, travessa do Oleiro, 13, pelas 10 horas do referido dia, a fim-de a comissão seguir para o ministério do Comércio para obter a referida resposta.

dade, visto que nela sempre tiveram lugar todas as tendências.

Nos assuntos vários foram os delegados dos litógrafos, Alberto Carneiro e Alberto de Castro. O primeiro refutou umas afirmações que, como rectificação à acta, foram feitas pelo segundo, demonstrando depois este que, ao contrário do que disse Alberto Carneiro, ele é que está mais integrado com a opinião do seu organismo, porquanto, aprovando a moção do Sindicato Metalúrgico, quanto à questão Casa do Povo, a sua Associação confirmou-lhe plenamente a sua atitude tomada perante aquele citado documento.

Foi, por fim, resolvido novamente convocar a comissão organizadora do comício transferido por culpa dos socialistas da rua de Camões, a fim de se resolver definitivamente o caminho a seguir.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias